

OS GRANDES AMORES DE PORTUGAL

COLEÇÃO

HISTORIA

to 4
15381



DESVARIO DE RAÍNHA

ROCHA MARTINS



Reg. 201-K.
Jun 3402

ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

COLEÇÃO DE HISTÓRIA
LITERÁRIA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
LISBOA

15380⁴ 8

2
Marco 1928

N.º F. 23777

OS GRANDES AMORES
DE PORTUGAL

4
C.º 142
418



DESVARIO DE RAINHA

179

CAPA ILUSTRADA POR
ALBERTO DE SOUSA



COLEÇÃO «HISTÓRIA»
— RUA DO ALECRIM, 61 —
— LISBOA —
EDIÇÃO DO AUTOR

Os Grandes Amores — de Portugal —

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Linda Inês.
- II. — Desvario de Rainha.
- III. — Flôr de Altura.
- IV. — A Amada do Camareiro.
- V. — O drama de Vila Viçosa.
- VI. — Relicário de Paixão.
- VII. — «Senhora de Bem Fazer».
- VIII. — Sórora Mariana.
- IX. — Sombra de Rei.
- X. — Madre Paula.
- XI. — Dona Flôr da Murta.
- XII. — O Bichinho de Conta.

Heróis, Santos e Mártires — da Pátria —

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Rainha Santa.
- II. — O Condestável.
- III. — O Vêdor de Sâgres.
- IV. — Infante Santo.
- V. — Cavaleiro da Morte.
- VI. — O Decepado.
- VII. — A princesa Santa Joana.
- VIII. — Vasco da Gama.
- IX. — O Grã-capitão.
- X. — D. João de Castro.
- XI. — Camões.
- XII. — O fantasma de D. Sebastião.

Comp. e impr. na —

Rua do Alecrim, 61

— LISBOA



PRIMEIRO QUADRO

OS BARÕES E OS ESTRANGEIROS

DIANTE do altar de S. Salvador, na catedral de Zamora, o moço D. Afonso Henriques fazia a sua velada de armas. Contava catôrze anos, nêsse dia de Pentecostes, e era já de reforçada estatura; seus cabelos ruivos contrastavam-lhe com os olhos grandes, rasgados e negros. A marca do borgonhês, seu pai, estava nêsse acobreado elmo de sua cabeça grande, a divergir das pupilas ardentes, reveladoras do sangue materno de D. Tareja, a leonesa, a filha de D. Afonso VI e de Ximena Muniones.

Para a sua sagração de cavaleiro, o infante não escolhera padrinho, além do que se venerava naquêlê altar; mas na nave do vasto templo alguns barões portugueses oravam com D. Paio Mendes, arcebispo de Braga.

O prelado era o chefe da nobilíssima família dos Mendes da Maia, à qual pertenciam os insígnies Sueiro, o *Bom* e Gonçalo, o *Lidador*, ambos esforçados e leais. Estavam ali e

DESVARIO DE RAINHA

com êles Egas Moniz, aio e como que segundo pai do príncipe, Garcia Soares, Sancho Nunes e todo o séquito de pagens, escudeiros e peonagem precisa a tam poderosos senhores.

Não tinha ainda idade para entrar nas ordens de cavalaria sem égides de guerreiros famosos aquêlê infante cuja noite de prece na sua vela de armas decorrera turbada de estranhos pensamentos. Os seus parciais aconselhavam-no a revestir-se das insígnias militares, sem auxílios estranhos, pois que aos reis ninguém as impunha. Êles próprios as cingiam, como suzeranos. Reconheciam-lhe assim a realeza, a-pesar-de sua mãe estar viva, reinar e o filho de D. Henrique ser ainda uma criança.

No ânimo dos barões e ricos homens da terra de Entre Douro e Minho e de todo o condado portugalense começara a levedar uma grande revolta. A maioria ainda mal se pronunciara, mas um bando esforçado e audaz, à frente do qual andavam os da Maia, já tomara o arreganho rebelde para com a rainha.

Ela não desacrescentara a terra que o marido soubera conquistar e manter, antes erguera audácias guerreiras para o afrontamento de todos os perigos. Muito linda, mal mostrava as fraquezas femininas, próprias de suas graças. Moldada em estátua forte, guardava a elegância das proporções; a sua frente resplandecia altivez e beleza; os olhos guardavam o domínio de dona habituada a mandar, mas também as luzes da fascinação de seus encantos.

À frente dos guerreiros, enquanto o filho ficava no berço, entre as aias e à guarda do

vilico, ela arrastava e seduzia. Envergava-se com tanto aprumo nas armas como nos trajes de côrte e sua cabeça, orgulhosa sob o elmo, era também imponente na doçura dos véus quando havia festas e Portugal estava em sossêgo. Soubera impôr-se. Ao seu génio ardente e às suas decisões prontas se devera a conservação do território.

Pelejara quando fôra preciso; em pleitos se metera, mas sempre segurando as armas. No castelo de Guimarães a viuva formosa e soberana tinha uma côrte de fanáticos de sua beleza e de vassallos da sua gerarquia. Estes eram os companheiros do conde D. Henrique, sumido no túmulo, à guarda do prelado bracearense; e também os acaudilhavam filhos e parentes, sem se atreverem a levantar os olhos em guisa de amorosos para a mulher que era rainha e tinha dois berços a guardar: o do filho, o futuro rei; o de Portugal, a futura nação.

Andavam, porém, à volta da bela leonêsa alguns estrangeiros. Já a êsse tempo entre as hostes portuguezas se iam denominando assim os galêgos, castelhanos e leoneses, a-pesar-de visinhos e do preito de vassalagem várias vezes exigido pelo rei de Castela e Leão.

Tudo quanto se estendia para àquem do rio Minho entrara a considerar-se diverso dos plainos da Galiza, embora algumas vezes se confundissem e andassem em terras do condado os fidalgos daquela procedência, em grandes senhorios.

A idéa da pátria esboçava-se, mas era como que se os cavaleiros sonhadores escrevessem a palavra com suas espadas nas bravas águas das costas portugalenses.

DESVARIO DE RAINHA

Ninguém culpava, pois, a rainha de falhas de mantenedora dos direitos ao solo onde o marido combatera e que lhe legara com os filhos aquêlê D. Afonso, agora à beira da ara, a revestir-se, e as meninas D. Sancha, que devia desposar um dos dilectos do irmão Sancho Nunes e D. Urraca, casada com Bermudo Peres de Trava, um dos galêgos de largo poderio em Portugal.

Era êle senhor do castelo de Seia e de tal maneira considerado que muito se temiam suas deliberações, pois as apoiava nas hostes vestidas de ferro formadas pelos serrenhos dos Herminios. Não havia gente mais destemida do que essa, por tôda a península, visto estar habituada às intempéries, aos gelos, aos frios, aos nevões e aos encontros com os sarracenos. Os pais e avós tinham-lhes legado a herança de tôdas as defezas contra os elementos e as feras e o sangue ardente de legionários de Viriato, destroçadores dos melhores soldados romanos.

Bermudo Peres, nado da nobilíssima estirpe de D. Pedro Froylaz de Trava, que em Leão e Castela dominara reis por sua ardi-leza e bravura, inteligência e audácia, era, como de resto todos os outros barões, um suzerano, em seu estado, cujas fortalezas representavam o seu trôno na frígida Seia, à sombra vasta da serra branca de neve e empedragada de estátuas rudes, talhadas pela natureza.

O irmão do poderoso rico-homem, Fernão Peres de Trava, é que se tornara o alvo das iras dos cavaleiros portuguezes. Esbelto e donairoso, afeito ao grande trato e às batalhas, provindo da estirpe do grande cavaleiro

das Espanhas, fôra o alferes-mór, o chefe da hoste do mais estranho e poderoso politico da sua época, o arcebispo de Compostela, D. Gelmires. Tremiam diante dêle os potentados; curvavam-se, submetiam-se porque, ou com seus guerreiros ou por bulas papais, com seus enrêdos ou em ciladas destras, vencia sempre.

O sobrinho preferido viera para a terra condal e de tal modo se encontraram seus olhos com os da rainha que ela desvairou e pôz-se a amá-lo, como talvez nunca tivesse bem-querido o espôso.

A ardência de seus temperamentos devia condizer. Eram ambos fortes e audazes. O mesmo sol peninsular beijara seus berços e se alastraria no seu leito de amor.

A mulher forte, a viuva que as guerras não abatiam, antes espicaçavam em ímpetos animais, estendera os seus braços brancos e magníficos para os do cavaleiro donairoso e os lábios carnudos da sádia leonesa deixaram-se sorver em beijos tontos pelos do apaixonado alferes-mór do arcebispo de Tuy.

Devia ter sido uma paixão impetuosa e sem rodeios. Ela casara outróra, por ordem do pai, com o nobre borgonhês enviado às Espanhas para uma aventura guerreira, na qual se enxertara a conveniência dum consórcio. Vivera com êle e ajudara-o na lide tormentosa em que não se combalira a coragem e a fôrça do marido; dera-lhe filhos, mas quando êle acabara na sua faina impetuosa e a deixara entre êles, D. Tareja, preocupada com a difícil herança, perdera-se desde logo numa intriga cortezã. Todos queriam mandar à sua volta e, embora os companheiros do

DESVARIO DE RAINHA

finado conde a acaudilhassem, não era o mesmo que na época da segura manopla de ferro do guerreiro caído ao nada do alto das pompas que a morte apaga.

Acabara por lhes mostrar o seu valor; quando a viram à frente das hostes, batendo os ases adversos, admiraram-na e logo em sua cabeça feminina germinara a vaidade de ser obedecida.

Um dia, porém, deixou-se vencer. O sentimento que jamais lhe enchera a alma, num arrebatamento a jungira e abatera. A amazona encontrara o seu vencedor, que era um guerreiro celebrado e galhardo, elegante e forte, nobre e de fama consagrada, porventura feito de tôdas as qualidades que ungiam os reis. Em coisa alguma, excepto no amor muito maior que ela lhe dava, differia do conde D. Henrique.

Era também de alta estirpe, ganhara nas batalhas o renome, agradava às damas mais do que o rude borgonhês e é condição de escolha para o affecto duma esquivã o amor de muitas tresloucadas a um varão.

Amaram-se, enquanto o filho ia crescendo e os fidalgos portuguezes remordiam as suas cóleras.

O de Trava era suzerano; já assinava nos pergaminhos quasi como um príncipe consorte e os ricos-homens deviam enfuriar-se por D. Afonso Henriques, que, a-pesar-de tôdas as tendencias de seu animo, não deixava depressa as tontices da infância.

O aio, Egas Moniz, vigiava-o e dava-lhe conselhos; era o acalentador daquela meninice, a transformar-se sob a sua scentelha.

Apressadamente o animava, querendo vêr

esvoejar por si o gerijalte, então embalado no seu ninho.

Ele divertia-se com lanças e corcéis que, como todos os pequenitos, logo trocava por seixos ou carêtas de bôbos. Ao despertar para a adolescência, transmutara-se. Sentira-se de essência real. Curvavam-se à sua suzerania e compreendera-os.

Por isso, D. Afonso Henriques, estava velando as armas na catedral de Zamora, aos catôrze anos de sua idade.





SEGUNDO QUADRO

NA VÉSPERA DA GUERRA

O INFANTE tomara por suas mãos a loriga, a couraça e o saio de malha laminado; apertara o cinto militar no qual pendia a grande espada e, curvado de novo ante o altar de S. Salvador, pôz-se em oração por Portugal, nas lajes do templo da terra estrangeira.

Os cavaleiros dobraram os joelhos em vassalagem e quando partiram para Guimarães, onde a rainha assistia, já levavam consigo o fulcro da revolução.

Era ao mesmo tempo que na catedral de Compostela o primo do moço infante, D. Afonso Raimundo, envergava as suas armas de cavaleiro para arrancar das mãos da mãe o mando que ela andava partilhando com um amante.

D. Gelmires, o arcebispo, conduzia-o; em Portugal moviam o príncipe, com o prelado de Braga, os seus irmãos da Maia e o aio, dedicadíssimo.

Avançavam sôbre o castelo de Guimarães ainda em ar submisso de vassallos. Só o arcebispo ficara na sua Sé, não querendo

DESVARIO DE RAINHA

encontrar-se com D. Tareja, desvairada pelo amor.

Havia entre ambos uma velha conta a saldar.

O orgulhoso fidalgo, que envergava sôbre as suas armas de guerreiro as vestes prelatícias, fôra prêso outróra, às ordens da soberana.

Decerto entendera ser êle o animador da revolta que devia ter como bandeira o filho mal saído dos seus afagos. Fôra constrangido a soltar o arcebispo que se tornara ainda mais audacioso.

Entretanto, apertando nos braços o amado, ela ia desvairando mais. Cada beijo que lhe dava era uma flôr do seu diadema que perdia.

Contava os dias entre desgostos e abraços apaixonados. Coisa alguma detivera o seu impulso; a amazona nem pensara que o filho cresceria e que a corôa do condado era sua pertença; habituara-se a vê-lo como uma criança, durante largos anos em obediências.

Sem aqueles nobres audazes e irados, possivelmente faria do querido conde o seu marido e ambos governariam o território, no qual dominavam os seus parciais. Devia ser êste o sonho de ambos.

O amor perturba tanto as rainhas como as burguesas e D. Tareja, viuva, não podia guardar, nessa época, largos preconceitos.

De resto, sucedia o mesmo com sua irmã, D. Urraca, perdida nos braços do conde de Lara, dando-lhe, com a sua carne lasciva, as prerogativas quási reais.

A louca apaixonada não ponderava o que

sucedida em Leão e Castela, parecendo alheia àquele rasgo do sobrinho D. Afonso Raimundo, ao tomar rápidamente o trôno, mal envergara as armas de cavaleiro.

Ele, porém, contava dezoito anos e o infante português apenas catôrze. Demoraria ainda a sua idade viril e ela talvez resolvesse os barões a aceitarem a suzerania legítima do conde de Trava, senhor do Porto e de Coimbra, o seu amado, o seu bem-querido. Governariam enquanto o infante não chegasse à maior idade e dêste modo reinaria a paz dulcíssima que ambicionava para o seu enorme amor.

Já não era um segrêdo tanta paixão. Os seus galanteios mostravam-se sem veus, porque como marido e mulher queriam viver, embora não se tivessem unido diante de Deus.

Quando havia solaus, o conde aproximava-se muito da rainha e era em sua mão que ela se apoiava nas entradas solenes das salas, deixando-o subir até ao estrado de seu trôno.

Se a côrte não se indignava, tolerando a mancebia, enchiam-se de cóleras profundas os fidalgos do tempo do conde D. Henrique e seus parciais.

Os dois amorosos, ligados nos seus beijos, presos nos seus afagos, imaginavam que o mundo terminava nas paredes da sua alcôva.

Não havia mais nada. Ela usufruía todas as pompas, andara em batalhas, recolhera homenagens e os sacerdotes abençoavam a sua passagem; êle gosara de tôdas as conquistas, vencera e dominara, mas o maior orgulho da

DESVARIO DE RAINHA

sua vida consistia naquêle constante latejar dum coração de encontro ao seu. Reuniam a essas expansões de amor todos os pequenos nadas que em lábios de amantes são tudo e nem pensavam nas arremetidas dos adversários, os quais mal se dispunham ainda a de-frontá-los.

Faltava-lhes o chefe, o balsão para arvorearem e decerto debalde procurariam alçar contra a mãe o filho, tam mocinho ainda.

Para aquêles dois seres, ligados por um arrebatamento sem igual, unidos um ao outro num impulso irreprimível, não havia mais nada além do seu amor. O resto era a balbúrdia da existência em que se tinham cansado, sem os deleites dêsses amplexos insaciáveis.

Estreitar aos peitos as armas, adornadas de todos os lauréis das vitórias, já não os enbriava tanto como apertarem-se um contra o outro, no seu imenso delírio.

De coisa alguma lhes importavam os dizeres alheios e na sua consciência, como todos os amorosos, sentiam-se puros de mácula, pois bem-querer não era pecado. Nela, que tanto se batera para não obedecer aos leoneses e castelhanos, que fugira às vassalagens e soubera guardar o condado, já desaparecera a idéa de seu valoroso espírito, tam orgulhosamente independente. Dera-se e, ao fazê-lo, entregara tudo.

Os frémitos de sua carne atormentada de desejos destruíam tôdas as ambições antigas.

D. Tareja abandonara-se cegamente e como o que vivia em sua alma era o estrangeiro, o fidalgo assim considerado pelos barões e

ricos-homens, pouco a pouco se apagara no seu cérebro de rainha a idéa da antiga libertação.

Pois se ela era uma escrava, como poderia querer alforriar os outros?

No espírito de Fernão Peres de Trava, homem de guerra e de amor, só vivia o desejo de domínio sobre os que considerava súbditos da mulher submetida aos seus beijos mas que enternecida e loucamente adorava, por sua vez, em seu ardente coração.

Mas para os outros vassallos não era assim. Queriam viver num país à parte, sem dependência dos antigos reis; desejavam que as pedras dos seus castelos, de seus lares e dos túmulos dos pais fôsem bem suas; queriam arvorar a bandeira branca com a cruz azul do condado e do futuro reino, sem que tivessem de se baixar diante do pendão do castelhano.

Germinava tanto a idéa da independência nas suas almas, como brotavam as flôres do linho nas veigas de Guimarães. Ao comêço, aquilo viera como um ódio das guerras naturais de povos para povos, de visinhos para visinhos, de gente incapaz de se dar bem entre si porque uma má sombra passára entre ela ou um regato se desviara do seu leito para os hortejos alheios; depois, começava a intensificar-se a cada derrota ou cada vitória, a cada encontro ou discussão e por fim reben-tara mais viva e mais ardente, ante a attitude tomada pela mulher do seu chefe, pela viuva do conquistador, ao entregar-se a um homem que andara nas hostes contrárias, de Além-Minho, embora depois servisse ao lado dêles.

DESVARIO DE RAINHA

A independência portuguesa tinha como que um acre sabor de ciúme.

Considerando-a rainha de todos êles, não a queriam cingida pelos braços dum estranho. Era o fulcro.

Também a terra lhes pertencia e, daí, não a desejarem por escrava dos que se julgavam seus senhores.

Sentiam-se desfalcados por cada pensamento furtado à pátria para se dar a um amoroso.

E a rainha amava.

Logo, êles cimentavam em zelos, não da mulher mas da soberana, a sua rebeldia intensa e brava.

Por sua vez o filho, o infante ruivo e forte, cuja estatura já anunciava o gigantesco guerreiro, evocava a honra do lar, a memória do pai, a honestidade que devia presidir ao porte da mãe e enfurecia-se. A independência portuguesa ía tomar alento pela justiça dum filho que castigava em seu ânimo a esquecida do espôso sepulto. Era como que se a própria terra se doasse sem condições a um estranho.

Cavalgando no seu corcel, vestida a loriga e apertado o cinto militar, D. Afonso Henriques, entre a sua hoste de cavaleiros celebrados, endireitava a montada a caminho de Guimarães.

Concentrava-se-lhe uma ira funda na alma e um desejo forte de falar alto o pungia; mas, tomado ainda do receio da mãe; infante, apesar-de querer ser rápidamente rei, acolhia-se à sombra de Egas Moniz, do aio, como a solicitar-lhe:

— «Tu dirás tudo... Tu falarás por mim, amigo e mestre!»

DESVARIO DE RAINHA

As patas dos cavalos, ressoando na sua carreira, os camais refulgindo e o retintim das espadas e dos acicates cantavam como que uma estranha chamada às armas na terra portuguesa, pela estrada formosa de Guimarães, onde a rainha D. Tareja desvairava, tonta e louca, nos braços do bem-amado.





TERCEIRO QUADRO

DELÍRIOS E REVOLTAS

NÃO cabiam no castelo de Guimarães aquêlo amor e tanta revolta. D. Tareja e o conde de Trava amavam-se diante de toda a gente; D. Afonso Henriques assistia aos ares confiados que o fidalgo galêgo arvorava.

À sombra das muralhas altas e do rígido recorte da fortaleza cimentava-se mais a tragédia do que a própria pedra vetusta gateada nas ameias e fenestras.

O paço onde D. Henrique sonhara largamente vivia em animação, rentinho com os adarves e abrigado na defeza, rasgando suas janelas de trave e florindo seus jardins tratados pelos escravos moiros.

Não se andava sempre em guerra; divertiam-se os cortesãos, enquanto se conspirava contra a rainha e o seu amante. Os serões alegres ocultavam um fóco de rebelião. Os monges do visinho convento de Mumadona começavam a compreender que alguma coisa de grave se passara desde a tomada de armas pelo futuro rei, tam mocinho mas amparado pelos homens fortes da sua terra.

DESVARIO DE RAINHA

Indicavam-se como chefes da conjura os da Maia com o irmão arcebispo; sabia-se que D. Egas Moniz não desampararia o pupilo e era tão grande a reputação dêsse guerreiro que a rainha hesitava em atingi-lo, devendo assim poupar os outros. O *Lidador* marcava o arrôjo; o prelado, o orgulho e o saber; o outro senhor da Maia, a captação; Sancho Nunes, a riqueza; os diversos partidários do infante possuíam qualidades diferentes e de ponderar, mas Egas Moniz representava toda a nobreza velha, todo o esforço da conquista e ainda a beleza de carácter ante os vencidos.

Os seus parentes mais recuados descendiam de reis; entrara em Portugal com os condes que vinham governar; e como os moiros de Lamego se revoltassem êle fôra submetê-los e vencêra-os.

Tomara o senhorio da terra; converteria ao catolicismo o rei infiel que os seus logo despresaram, preferindo-lhe o vencedor, e o filho do monarca recebera ordens sacras, sob o nome de Eicha Martin.

D. Henrique morrera no cêrco de Astorga e o infante não tivera outros carinhos paternais além dos que lhe dava o cavaleiro, o qual tanto o ensinaria a combater como a ser justo.

Egas Moniz talvez não lograsse de seus filhos tão subidos respeitos como do príncipe, a-pesar dos nascidos do seu amor de joelhos o amarem.

Vira muito bem para onde se encaminhavam os desejos da rainha. Referviam as maiores indignações no seu espírito e cada vez que um novo fidalgo se mostrava em desacôrdo com D. Tareja encontrava a aprovação do

mestre real. Demorava as explosões coléricas, continha a nobreza, procurando evitar a guerra, a desenhar-se nos mínimos incidentes.

De resto, os dois amantes contavam com os largos auxílios de cavaleiros enriquecidos e elevados por ambos e sôbretudo com os guerreiros de D. Bermudo Peres, irmão do conde de Trava, poderoso senhor de Seia.

Continuavam nos seus amores a rainha e o valido. Viam-nos atravessar as ruas do burgo galopando, lado a lado; seguiam para os campos, nas primaveras, em cortejo de pagens, escudeiros e donas. Atravessando os prados floridos, descansando à sombra das vastas árvores, demorando nos vilares ou indo de visita ao mosteiro, eram sempre como espôso e espôsa, num tácito acôrdo da côrte que os servia e na incendiada cólera dos contrários.

O paço, com seus jardins, nos quais o conde D. Henrique deixara os traços da sua energia e onde se julgava pairar ainda o seu espectro, eram refúgio dos amorosos, na larga alcôva, de cujas janelas se avistavam as campinas, florindo, ou enviuvando de germinações durante as invernias.

E essa vasta e sagrada terra de Guimarães mostrava-se, como a rainha, uma abandonada, para logo se engalanar no amor.

O tempo em que a Soberana estivera só, no luto do marido, fôra o seu inverno; depois chilreava a esperança da sua alma ante as gentilezas do bravo fidalgo galêgo; por fim aquecera para o amor impetuoso e tudo se transformara à sua volta na quadra dos frutos e das alegrias.

Avisinhava-se, porém, o outono, com os da conjura.

DESVARIO DE RAINHA

Debalde se disfarçavam as preocupações, enchendo as salas de donas e cavaleiros para ouvirem segréis e jograis, trovadores e cho-carreiros.

Quando o vento sibilava nos recortes do castelo e, zunindo em desesperos, quási em latidos, vinha encanar-se pelos estensos corredores, passavam turbações nas almas, mê-dos e arrepios sinistros.

Labaredavam as lenhas e os grossos troncos nas vastas lareiras, a aquecerem as quadras empedradas; espargia-se a luz dos penduróis dos tetos ou dos anelados férreos das paredes; os divertidos bufões, vindos de terras distantes, cantavam e bailavam, emquanto a rainha ia procurando os olhos do amado e também descortinar os pensamentos dos inimigos.

Narravam os trovantes suas aventuras verdadeiras ou fantasiadas; bailavam os galho-feiros e logo os segréis poetavam, elevando as almas.

Os amantes prosseguiam, embevecidos.

A' sua volta luzia o esplendor da côrte, com as damas toucadas de rêdes de oiro, os cavaleiros em seus trajés de gala, os servos trazendo os refrescos e ajoelhando diante dos senhores; êles, porém, só viviam para a loucura do desejo e para a defeza da sua felicidade.

O vento rugia; não o sentiam como um preságo destino.

E' que, na inconstância do clima português, depressa aparecia o sol ardente e formoso a espancar dos espíritos as sombras dos dias maus; nas noites brandas a lua aclarava e as estrêlas, brilhando, pareciam dizer que não

podiam existir desventuras sob o seu fulgor.

Não acreditavam nas audácias que os outros tentariam,

O infante era novo; armado cavaleiro ficara como outrora sem o poder sôbre as hostes e mesnadas.

Desenhava-se largo o futuro para ambos. Deixavam falar os conjurados, os padres de Mumadona, os espiões que anunciavam desgraças e, lado a lado, rindo, partiam para os campos, ordenavam os folguedos.

O conde de Trava e D. Tareja confiavam no seu valor.

Ambos o tinham demonstrado.

Ela, sempre que fôra necessário, tomara a chefia das suas gentes e correra para os combates, gerando admirações.

Assim praticara no tempo do marido; repetiria as façanhas, com maior gáudio, junto do amante.

Correra que tinham casado. Dizia-se que estavam secretamente unidos diante de Deus e tudo quanto praticavam era de molde a acreditá-lo.

Fernão Peres de Trava não se coibia de falar alto àcêrca dos negócios do Estado; a rainha deixava-lhe todos os poderes e se era o seu real sêlo que chancelava os documentos, êle assinava-os antes do infante, do herdeiro do trôno.

Em todos os actos solenes o conde surgia como um soberano; nas menores circunstâncias se apresentava à maneira de detentor dos poderes que D. Tareja lhe concedera, e tivera, desde logo, a sua côrte de louvamineiros, anteposta ao partido dos conjurados.

DESVARIO DE RAINHA

Espalhava-se que o intuito de ambos era o de desapossarem D. Afonso Henriques dos seus direitos, tirando-lhe a sucessão, porque poderiam reinar sem reconhecerem mais qualidades ao infante.

A mãe esquecia o filho; sacrificava tudo ao amante. Passara no seu coração um flóco de sangue mais vivo que destruíra os velhos affectos como uma onda rija devasta um montão de areia.

Íam passando os meses em atribulações que olvidavam, mas não eram só elles os fustigados pelo temor; os conspiradores também sofriam, sem terem os prazeres duma grande paixão para lenitivo.

Entenderam não lhes ser possível demorar a hora das explicações.

Tratava-se de expôr as queixas do infante à rainha porque, a deixarem-na, fatalmente entregaria a terra, como cedera o corpo, a alma, a vida.

Era a paixão alucinante da mulher que concebera sem amor.

Os filhos contavam para o seu instinto animal apenas na infância, quando tamaninos, carecidos de auxílios, como os das aves e dos leões. Depois, uns adejam e partem; aos outros ensinam-nos os pais a caçar e esquecem-nos porque vão em busca de novos enleios de melhor sabor, na ânsia dos grandes arrepios da vida. As aves encontram-se a fazer ninhos; as leões a rugirem novos gosos e, em volta, o espaço e a floresta são as alcôvas das suas ardências.

Para D. Tareja só o conde de Trava existia; tornara-se uma coisa sua e ninguém duvidava que senhora de tanta vontade, mulher

de tão falada coragem, a amazona de tão provados feitos se tornara, a súbitas, frágil e tonta como uma donzelinha no seu primeiro amor.

Realmente era assim.

Os conjurados futuravam o irremediável e, por isso, não podiam caber na sombra do castelo de Guimarães a sua intensa revolta e aquela tremenda paixão.

A sorte dos amantes estava firmemente ligada; a dos rebeldes também, e se a uns bastavam os afagos, aos outros só contentava o delírio de vencer.





QUARTO QUADRO

O AIO

CORRERA por Castela a noticia do que se tramava em Portugal, e como em matéria de vassalagem iam as coisas sempre mal, o jovem D. Afonso Raimundo exigia obediências, nanja porque a seu espirito acudisse um desejo platonico, mas porque ambicionava os loiros da guerra.

Áquém do Minho vivia seu primo, armado cavaleiro na cathedral de Zamora, sem que tivesse ainda terçado o montante; além, estava êle, perturbado pelo sonho de triunfos guerreiros; agitavam-se as grandes desavenças em Portugal e parecia chegado o momento de se restabelecerem os direitos.

Para os conselheiros do moço rei, alçado após a morte de sua mãe, Portugal não era mais do que uma faixa de terra concedida pelos monarcas leoneses e castelhanos a um aventureiro francês de boa estirpe, juntamente com uma bela filha de rei a cujo futuro era necessário prover.

DESVARIO DE RAINHA

Tudo quanto o marido dessa infanta praticara em bravuras e domínio, se lhe acrescentara o poder, também tornara maior o preito ao doador. Cada vez que se elevava uma voz a falar da independência do torrão que se pretendia arrancar ao mando castelhano, o seu eco equalava-se a um desafio.

Vivia-se de longa data em luctas.

Umaz vezes, vencidos, reconheciam a supramacia de alem; outras, vencedores, diziam-se isentos de vassalagens.

Tratava-se de assentar, em definitivo, a situação, e coisa alguma serviria melhor do que as bulhas entre os cavaleiros reduzidos a facções.

Os amorosos amparavam-se no receio dos adversários.

Decerto previam a invasão mal os vissem desavindos e, neste caso, ninguém se moveria, afim de se salvarem do detestado domínio:

Acredita-se muito fácilmente no que se deseja e o amor dá singulares visões. Uma nuvem no rosto da mulher éstremecida torna logo sombrio o homem que a adora; os seus maus minutos fazem sofrer o apaixonado; as suas fantasias elevam-no ou deprimem-no.

No ambiente succede o mesmo.

Os olhos do amor não conhecem senão as tempestades e as auras do próprio amor.

D. Tareja e o de Trava não deviam fugir à vida de todos os apaixonados. Invadidos pelo prazer de se amarem, olhavam tudo sob o melhor aspecto.

Aos conjurados, porém, não succedia o mesmo.

Demorar mais algum tempo a lucta era,

talvez, perder para sempre o momento vitorioso.

Os de Castela detiveram-se.

Andavam em guerra com o rei de Aragão e seria impossível lutar com dois inimigos.

O par amoroso correu a Zamora, a certificar-se.

Deixavam os seus castelos bem entregues e conduziam-se sempre como soberanos.

Devia acreditar-se, mais do que nunca, em seu consórcio.

No regresso, D. Tareja e o conde de Trava, começaram a organisar-se para a desforra.

Edificaram-se novos reductos, que tanto poderiam servir para deter os invasores, como para dar combate aos revoltados.

Afortalesaram Soure e Santa Eulália; o conde largava o seu senhorio de Coja e em breve foi maior o repouso, o qual se dilataria, sem as turbações dos cavaleiros enfurecidos contra o domínio e influência do fidalgo galêgo.

Pouco a pouco iam entrando em Portugal os parentes e os amigos do valido real, barões da Galiza, ávidos de honrarias e de territórios e sempre em zangas contra o rei castelhano.

O arcebispo de Compostela, o agitador Gelmires, ou por canceira ou por manha, não os acaudilhava e eles voltavam-se para o amante da rainha, pretendendo fomentar mais revoltas a alcançarem o moço soberano, assoberbado noutras luctas.

Engrossara o exército de D. Tareja. Compunha-se de muitos estrangeiros, o que excitava os nacionais. Cada prebenda doada a um

DESVARIO DE RAINHA

dos auxiliares de Trava era um novo motivo para aliciar conjurados.

Aquela viagem aos dominios do sobrinho da rainha ainda mais impusera os dois amourosos, pois, jornadeando com grande séquito, arrastando pompas soberanas, recebidos ao mesmo tempo pelo monarca, consolidavam o seu poderio e erguiam, com a signa condal, crusada de azul sôbre o fundo branco, o estandarte do seu amor, no qual se ligava o azul dos sonhos na alvura das ilusões mantidas através de tantos maus preságios.

Desmanchar aquela ligação era impossível; impôr D. Afonso Henriques como rei, enquanto êles alimentassem a esperança de governar sòsinhos, também era difficilimo.

Em suas mãos estava o mando e êle constitua meia vitória.

Deflagrar a guerra tornava-se a única solução, mas era preciso contar com os parciais da rainha, com os ricos homens galêgos introduzidos no condado, com Bermudo Peres e sua gente dos Herminios e ainda com sacerdotes e auxiliares, provindos da vizinhança.

Mal entraram no paço de Guimarães sentiram que a rebelião caminhava.

Não encontravam o mesmo acólho na população da vila; perturbava-se a atmosfera à sua volta.

Ao mesmo tempo hesitavam ante o que deviam decidir.

A sua maior segurança deviam tê-la na sujeição a D. Afonso VII, de Castela, o qual os garantiria contra os barões portuguezes, mas imaginavam que surgiriam outras revoltas e maior número de adversários.

Voltavam a iludir-se com a demora da guerra aragonesa.

Assim o demonstraram suas atitudes.

O antigo alferes-mór do arcebispo de Compostela, tornado o favorito da rainha portuguesa, parecia já ter olvidado os ardís do tio e amo.

Nenhum preconceito de família o prendia. A' medida que notava a atracção dos fidalgos galêgos para Portugal e a resistência ao castelhano, começara de novo a enredar.

A tragédia enleava-se.

Não demorariam os seus sinistros quadros.

Se para alguns nobres a pedra de toque era a ambição, para outros representava, em verdade, o motivo de suas conductas, o desejo da independência.

Havia também os condenadores dos afectos da rainha, os que não podiam perdoar os seus impúdicos beijos.

Possivelmente alguns amorosos de suas graças e audácias estariam nas fileiras dos rebeldes, cada vez mais providas.

Egas Moniz representava o amor intenso pelo futuro rei. Vira-o nascer; tivera-o nos braços envolto nas faixas infantis e levará-o, em promessa, a Nossa Senhora de Carquére.

Aquêlê robusto adolescente, que anunciava uma estatura gigantesca, viera ao mundo leso das pernas; talvez que a mãe, nas suas correrias de amazona, tivesse dado alguma queda e a moléstia marcasse a criança.

A três léguas de Lamego, no feudo do aio do principesinho, apparecera uma Virgem chamada desde logo de Carquére, do nome do lugar sagrado.

DESVARIO DE RAINHA

Pensara-se em depôr o recém-nascido, de tão torcidas pernas, no pequeno altar, implorando-se a protecção da Mãe de Deus.

Não fôram o conde D. Henrique nem D. Tareja que tomaram o filho para o conduzirem até ao sítio do milagre, mas D. Egas Moniz e sua espôsa que, ajoelhando ante o rústico andor, pediram para o enfermo as graças celestiais.

Melhorara o pequenino; o pai edificara um mosteiro em tórno da capelinha da promessa e jámais se poderia olvidar o benefício do céu.

Depois o aio ajudara-o a ensaiar na andada, e ao arrimo daquelas perninhas tão débeis; ensinara os primeiros passos ao infante, e era ainda contra o seu leal e forte peito que o ligava, quando êle não podia segurar-se.

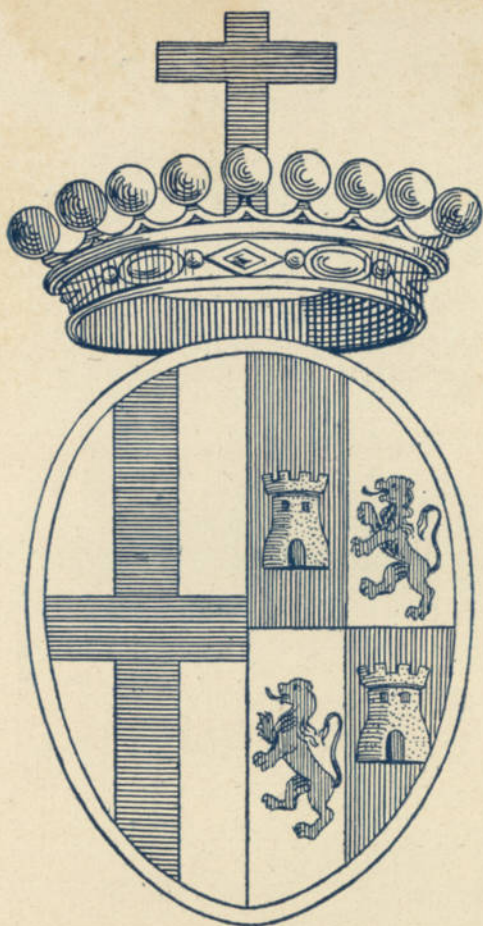
Egas Moniz fôra o incitador dos influxos iniciais de D. Afonso Henriques; industriara-o, de seguida, a guiar o seu corcel e ao jôgo de sua lança tão frágil como um caniço doirado, logo transformada numa autêntica catapulta; aprimorara-lhe o carácter e dotara-o de altas qualidades de combatente.

Vira-o crescer e desenvolver-se, e adorava-o.

Renovava-se em sua alma todo o passado cada vez que o ouvia mas, sobretudo, jámais olvidara aquela prece a Nossa Senhora de Carquère e as primitivas passadas do pequenito.

Ensinara a andar a real criança; ensinaria o rei a marchar.

E porque assim o amava e o bem-queria, o aio não era indiferente às idéas de o espo-



OS restos de D. Thereza ainda tiveram quem sobre elles vertesse lagrymas.

(Alexandre Herculano — *Historia de Portugal*, vol. I).

ESCUDO DE D. TAREJA

1873

1873

1873

1873

1873

liar que andavam pairando no ânimo da mãe, perdida de amores pelo valido.

Decidiu-se que a revolta não demoraria; referviam as cóleras cada vez mais e já andavam tanto nos espíritos que a própria peonagem mal encarava, embora ajoelhada, o par apaixonado, atravessando, com seu séquito, para os prados floridos ou para o mosteiro de Mumadona, na terra sagrada de Guimarães, à guarda do seu castelo de alta menagem.





QUINTO QUADRO

OS ENCONTROS DE GUERRA

ALVOROÇADA a terra vimaranense até a peonagem se pronunciara na sombra dos senhores. Era pelo infante, ao qual acaudilhavam em grande desacato à rainha, sempre a sacrificar o seu poder ao valido.

Do que fôra respeito dos vassallos já coisa alguma restava, desde que os conjurados se tinham mostrado em freimas e em acusações.

D. Tareja surgia como uma barregã.

Contra ela e o seu amor se levantavam as barreiras opostas pelos sacerdotes escandalizados e pela molestada nobreza.

Ao primeiro alarme a soberana saíra a terreiro com as suas mesnadas de fiéis e de estrangeiros, abandonando o paço e partindo para o campo, a defrontar o arraial do infante onde se levantavam signas iguais às suas.

O amor violento da sua alma conduzira-a à guerra.

DESVARIO DE RAINHA

Voltava a ser a amazona, mas não já pela boa causa.

O que defendia eram as suas paixões.

Outrora batia-se para guardar a herança do marido para o filho; presentemente o seu fim consistia em renegar o passado. Se ainda pensava na insubmissão, não queria levá-la até ao ponto de perder o seu amor.

Antes fôsse perdida a terra de Portugal.

De toda a parte acorria gente de armas, até ao arraial de D. Afonso Henriques. Era a sua primeira guerra.

Singular destino, o seu. Batalhava contra a mãe que lhe dera o ser, para salvação da pátria; a mãe de mais filhos, dos quais, como rei, era o primogénito.

Afluíam espontâneos combatentes.

Parecia palpitar o coração da própria terra.

Fortificado em Guimarães, encerrando-se nos muros da castelania, servido pela peonagem que se apresentava no séquito dos senhores, tendo comsigo os ricos homens inimigos do estrangeiro, o moço infante, aconselhado pelo aio, pelos da Maia e pelo arcebispo de Braga, proclamava a revolta.

De além muralhas, no campo largo escolhido para o encontro, que não se dava, assenhoreada da sua linha de castelos até Lanhoso, numa extensão de duas léguas, a rainha, defendida em Coimbra pelos parciais do amante e em Seia, defeza do condado, por gente de Bermudo, tornado seu genro, desafiava altivamente o filho.

A bandeira arvorada era menos a de Portugal que a da sua paixão.

Devia amaldiçoar a terra de seus paços, a primeira a repeli-la e para a qual sabia de-

sejarem passar os homens dos concelhos e dos coutos, das behetrias, dos vilares livres, num acordar de plebe, que mal comprehendia. Em troca deixava o amante solicitar o auxilio dos estranhos, dos fidalgos galêgos, disposta a tudo, menos a perder-lhe os beijos.

Jámais o amor levava em tal impetuosidade uma mulher como a conduzia a ela no seio do matagal das lanças que eram a guarda do seu prazer.

Adentro dos muralhões a hoste do infante aguardava o assédio.

De quando em quando fazia-se uma sortida, mas logo recolhiam, por serem poucos os que tinham conseguido passar e mesmo porque a vila não conteria muitos.

Falha de víveres, acolhendo gente em demasia, só para a derrota serviriam os auxiliares.

Aguardavam a batalha; iam pensando na vinda de outros fidalgos, por diversos lugares, quando no seu desespêro viram aparecer ao longe as pontas luzentes de inúmeras lanças, sob os reflexos do sol.

Moviam-se, numa rápida passagem, como numa galopada furiosa e do alto da barbacã, nos adarves e por todas as ameias surgiram os homens de armas, prontos a escorraçar a virotões e a chamas os atrevidos que se achegavam para a tomadia.

Iam preparar-se os caldeirões de pez, as estopas inflamadas, os pedragulhos de que estavam pejados os subterrâneos; num grande rangido de correntes erguera-se a levadiça e os fossos profundos cavavam a defeza do castelo e do paço onde o infante demorava.

De repente, descendo da torre da mena-

DESVARIO DE RAINHA

gem, numa galgada louca, um dos cavaleiros correu, a anunciar a nova aterradora.

O número dos assaltantes era tão grande que, ficando a distância, envolvia toda a vila, num duplo cordão.

Estava-se no comêço da primavera; já cantavam as aves, a deixarem os ninhos; floriam as leiras de Guimarães e eram fartos os celeiros que havia nos lugares onde o exército acampava, a não deixar ir até aos sitiados a mais minguada mealha de abastecimento.

Quando se preguntava onde teria D. Tereja arranjado aquela hoste tam bem provida e armada, appareceu outro emissário a dar maior alarme.

— Eram os castelhanos e leoneses, com seu imenso poder, arrastando os ases galêgos do arcebispo D. Gelmires.

A frente dos cavaleiros mais notáveis das Espanhas estava o próprio rei D. Afonso VII, o primo do infante revoltado contra a mãe.

Lá tremulavam seus pendões e se erguiam suas signas. De resto viera, sob as muralhas, como arauto, um dos guerreiros inimigos que só aguardava ser ouvido.

Soavam as longas trombetas; o enviado de Castela, mal terminara o toque de aviso, olhara para as barbacãs, às quais tinham acorrido os fidalgos vestidos de ferro.

Egas Moniz, na janela do paço, fizera sinal ao seu pupilo para escutar, sem apparecer.

Claramente, retumbante e ousada, subiu a voz do arauto que levantara a viseira:

— El-rei D. Afonso VII de Leão, de Castela e de Portugal, seu feudo, vinha, em som

de guerra, pela obediência devida à sua corôa. Só queria o preito, a vassalagem ou a lucta. Com o exército bem apetrechado ficaria ali, no cêrco, o tempo necessário para se renderem ou darem fiança de juramento a êsse devido tributo.

Tocaram de novo as trombetas e o arauto, saudou, levando a manopla de ferro ao elmo emplumado, baixou a viseira e partiu de recúo, no passo airoso do seu corcel, até encontrar a escolta luzida entre a qual panejava o estandarte castelhano.

D. Afonso VII estava ali para vencer, entrando em trégua com o rei aragonês e aproveitando as luctas entre a mãe e o filho.

Achegava-se a tomar os direitos de há muito negados à sua corôa.

Mal lhe importava quem, dominando em Portugal, o hostilisasse. Só aceitaria o que lhe fizesse menagem. Era o seu fim; por tanto viera com sua grande mesnada, à qual era impossível resistir.

Guimarães não podia defender-se da fome.

Os ases castelhanos escusavam de combater. Arraiavam nas veigas fartas, gosavam da primavera magnífica, iam folgando e rindo, bem abastecidos e a tanta distância das muralhas que nenhum virotão lhes chegaria.

Anunciava-se uma campanha jovial depois da dura guerra de Aragão, como um prémio pingue aos bons soldados que tinham ajudado noutras luctas à fama moça do seu jovem rei.

Lá dentro das paredes altas e fortes do castelo cheio de munições de guerra escasseariam em breve os víveres. Nenhum milagre se formava. Dentro em pouco não haveria

mantimentos para tanta gente ali sitiada e as derrotas viriam, com todas as indisciplinas da fome.

Lembravam-se de que não se tornaria possível aquêlê assédio, se acaso os portuguezes estivessem unidos.

Bastava que o exército de D. Tareja se lançasse contra os invasores para que, rôtas as suas fileiras, metido o adversário entre os dois combatentes, o de Castela deixasse nas pontas das lanças portuguezas todo o seu orgulho e grande parte do seu poder.

Os fidalgos entreolhavam-se.

Gonçalo Mendes da Máia, o *Lidador*, rugia e imprecava, por não combater; os outros cavaleiros imaginavam loucuras, temeridades, e o infante dispunha-se a tudo, quando se levantaram palavras ponderadas.

Havia quem pensasse em abater os pendões diante de D. Tareja, a solicitar-lhe auxílio contra o inimigo, mas respondia-se a estas frases que nenhum cavaleiro, mesmo por larga sorte, adregaria chegar aonde a soberana. Este cuidado cabia aos do cêrco.

Desejavam outros tentar, atravez de tudo, uma batalha e imploravam a Deus o concurso de suas legiões de arcanjos.

O da Maia continuava nas suas cóleras de gigante e Sancho Nunes, o noivo de D. Sancha, a irmã do infante, falava em sacrificios, antes de cederem a um estrangeiro ou a uma inimiga dos leais barões portuguezes.

Logo se aventou ter sido o de Trava quem chamara o exército de D. Afonso VII e a prova era que vinha cercar Guimarães e não para desbaratar as hostes da rainha

Decerto fôra êle que mais uma vez obri-

gara a sua escrava de amor a esquecer até a antiga e nobre idéa da independência.

Tornava-se indispensavel transigir.

O único remédio consistia em pactuar com o castelhano e correr sôbre o arraial da viúva do conde D. Henrique, combatendo, rechasando em vesos vingadores.

Mas, e se os estrangeiros a acaudilhassem?

Era grande a tortura entre os muros cercados de Guimarães.





SEXTO QUADRO

A FÚRIA DO ENCONTRO

TRÊS semanas passaram em transe de não se saber que partido tomar, quando a fome começou lavrando entre os sitiados.

Os castelhanos aguardavam a rendição, com certo regalo de partirem bem servidos, pois já tinham pensado em não poder marcar-se grande resistência por banda da rainha. Auxiliada, por enorme maioria de estrangeiros gananciosos ou assalariados, não era difícil a sua cedência, preferível à derrota.

D. Tareja só queria que lhe deixassem livre o seu amor.

Com efeito, grande número de nobres, estranhos ao país, convocados pelo conde de Trava, andavam entre as hostes da soberana.

Propalava-se que fôra combinada com êles a invasão e a prova estava em que o arcebispo de Compostela, parente do amante da rainha, êsse famigerado D. Gelmires, queria ser medianeiro das pazes entre o sobrinho e a tia. Ela acedera a tudo.

Pretendiam que jurasse obediência? A antiga amazona juraria.

Queriam-na em vassalagem? A mulher que orgulhosamente replicara outrora aos guerreiros da irmã, seria a mais submissa das tributárias.

Desejavam-na em confissão de súbdita do sobrinho? Porque não, pois se Portugal fôra doado com tais condições? Ela o reconheceria.

E todas as suas antigas aspirações, revoltas e cóleras, de bom grado as olvidava porque só o seu amor pretendia servir.

A mulher prostrava-se em adoração ao homem escolhido.

Não se abrigava outro sentimento em seu peito.

O que era o condado português, sem o seu querido senhor de Trava?

Compreendeu-se em Guimarães ser êste o caminho seguido.

Olvidara-se tudo para se vencer na sombra duma razão sentimental que capitulavam de vileza.

De toda a fôrma ficariam sujeitos ao castelhano e à amorosa.

A tática do fidalgo estrangeiro fôra a de entregar Portugal por um ardil, separando a mãe do filho e ligando a terra rebelde à dos seus antigos donos.

Prestava por si, sem custo, uma vassalagem; mas, porque assim o fazia, os sitiados deviam seguir na mesma trilha, para não sofrerem duas derrotas: a infligida pelos castelhanos, a cominada pela rainha.

Tornara-se impossível a resistência.

Abertos os peitos à sinceridade, os no-

bres do conselho votaram a submissão ao rei D. Afonso VII.

Determinaram-se, como D. Tareja, ao tributo.

O que ela praticara pela violência do seu amor, resolviam êles, ante a tremenda necessidade da fome e da impotência de alcançarem o inimigo do alto das suas muralhas, que só continham famintos.

Enviara-se um arauto ao castelhano; levava as ordens para um entendimento.

Montados em seus mais belos corcéis, envergando luzidas armas, os plenipotenciários entraram a grande porta do castello, onde eram aguardados pelos do conselho real.

Subiram ao salão do paço contíguo e depararam com o infante, cuja primeira tentativa guerreira terminava tão lastimosamente.

Ao lado dêle, sereno, o áio, o maior senhor do condado, escutava as propostas de vassalagem e, quando todos se dispuzeram a aceder, ouviu a interrogação ultrajante dos adversários:

— Quem responderia pela obediência?

E' que tantas vezes já se tinha jurado e fementido, já em largos tributos se prometera a menagem, em repetidos encontros se dissera ser fatal a obediência e sempre se faltara, se fugira, se procedera em contrário!

— Quem ficava, pois, de fiador?

O moço infante era uma criança. Talvez fôsse diferente da mãe, nêsses juramentos, que o de Trava asseguraria, agora, por banda dela; e, como D. Afonso Henriques quási não tinha autoridade, êles continuavam a exigir uma garantia.

DESVARIO DE RAINHA

— Sim. Quem era o penhor dessa vassalagem?

Egas Moniz, com toda a serenidade do seu porte, no modo severo dum homem que muito vira e mais ainda combatera,olveu:

— Demandae a el-rei D. Afonso VII se me aceita em caução.

Curvaram-se. Tinham por êle um enorme respeito; e quando disseram seu nome ao monarca a resposta foi a ordem para o levantamento do cêrco, confiadamente crente na vassalagem, ante o penhor daquela sólida e sã palavra.

Com os troços da rainha houvera menos dificuldades. Obedecera-se. Inteiras, refeitas as hostes, continuaria a lucta.

Guardava-se o castelo de Guimarães, mas alastraram no campo os soldados do infante, após a submissão, assim que o estrangeiro desaparecera com sua vitória sem combate.

Os cavaleiros já não podiam conter as suas iras.

Reboara a nova do tributo forçado; espalhara-se como o procedimento da rainha obrigava à servidão e logo, de todos os lados, em bandos, em mesnadas, surgiam os homens dos concelhos e vilares e desta vez em tão grande número que os da Maia decidiram, desde logo, fazer a guerra aos estrangeiros.

Reinava uma grande esperança à sombra da bandeira do infante. Cavaleiros de bom nome tinham acorrido; alguns, largando o acampamento de D. Tareja, vinham oferecer-se, trazendo informes seguros acêrca de

suas forças e era como uma alvorada de núpcias com a glória a que dealbava no arraial.

A primeira batalha de D. Afonso Henriques sempre seria contra a mãe que o gerara em suas entranhas e em defeza da nação que êle de melhor mãe tratava.

O *Lidador* aprestara a sua hoste para o encontro em juras feras; Sancho Nunes acudiria com tão farta mesnada que difficilmente o excederiam e todos os outros vinham como para expedições de fé, querendo esmagar o amante de D. Tareja, sacrificando-a também, desde que esquecera seus compromissos e juramentos.

Os sacerdotes de Mumadona tinham-se pronunciado por D. Afonso Henriques; os vilões e os das behetrias, das terras livres, juntavam-se com suas béstas, fundas e chuços, e formavam verdadeiras hostes de peonagem brava.

As aclamações subiam no campo e a plebe descalça, rude, ignara, a teoria dos humildes, limos humanos, que são as raizes das pátrias, volteava em tórno dos ricos homens que apontavam o arraial do inimigo, no campo de S. Mamede.

Agitavam-se pendões dos mais diversos tons, nos quais se esmaltavam armas complicadas, águias, milhafres, animais estranhos em lucta; destacavam-se as côres vivas das bandeiras dos nobres estrangeiros, formando um autêntico arraial em volta das signas arvora-das pelo Trava e pela rainha.

D. Tareja plantara o seu real balsão a distância; deixara entre os alheios a insignia de guerra e ficara-se a vêr o encontro, liberta do

DESVARIO DE RAINHA

combate, deixando o encargo e a peleja ao amante.

E, na sua ânsia de muito amor, nem talvez se lembrasse de que estava do lado oposto o filho cuja primeira lucta era aquela em que figurava como inimiga.

Em vez de lhe ensinar a arte da guerra mostrava-se como antagonista e os ases dos dois partidos entrechocavam-se em fúria sem par sob os seus olhos turbados pelo affecto ao homem que procurava vencer o real herdeiro da corôa.

Fôra grande e forte o embate.

Os fidalgos portugueses, soltando gritos loucos, arremessando-se em iras fundas, praticavam prodígios e, como tinham por si a fé, batiam os outros, em cujas armaduras golpeavam com estrondo as suas espadas curtas, à romana.

Num turbilhão de homens e cavalos encaraçados de ferro, numa infernal grita, abafadora de gemidos, se envolviam os combatentes; e quando as clareiras se rasgavam mais fundamente, os da peonagem surgiam com suas lanças e, rompendo os arneses dos cavaleiros prostrados, acabavam-nos, como em règabofe, num fim de montaria aos javalis das serras.

Já andavam de rastos muitos balsões illustres quando o de Trava sentiu a derrota e, acicatando o seu corcel, correndo para a ladeira de S. Mamede, onde a amante se consumia de raiva, só soube dizer-lhe:

— Fujamos! Fujamos! . . . Ainda temos castelos para a defesa! Fujamos! Fujamos! . . .

E ela, procurando-lhe nos olhos desvairados algum lampejo de paixão, seguiu na galo-

pada da hoste, ouvindo no final da batalha o brado singular para o seu coração e que pela primeira vez se elevava em Portugal:

— Honra ao rei! Honra ao rei!

Aquêlê amor tão doido gerara mais depressa a fundação dum reino.





SÉTIMO QUADRO

A CAVALGADA DA VITÓRIA

OS fugitivos, esporeando os corcéis, no calor da raiva, buscavam escapar aos perseguidores. Do campo do infante, alçado rei, embora só pelas vozes, tinham saído alguns cavaleiros para haverem às mãos guantadas os adversários.

Continuava-se no furor do resto da batalha e já se salvavam os chefes.

Ao apercebimento da evasão alguns ousados lançaram os cavalos em galopadas rijas e assim fôram, durante largo tempo, procurando alcançar os vencidos.

Os cavalos, cobertos de ferro, acicatados, no desespero da última esperança, corriam em velocidades de tormentas, despenhadas a súbitas.

Além da rainha e do conde de Trava iam de tropel alguns dos seus sequazes estrangeiros e pequeno número de barões portugueses.

Pareciam buscar o caminho dos seus castelos fortificados, talvez o de Lanhoso; porém, os da mesnada contrária, alegrados pela vitó-

DESVARIO DE RAINHA

ria, não eram menos céleres e dentro em pouco cairiam sôbre os foragidos.

Saltavam-se os riachos; voavam as pedras sob os cascos dos corcéis fumegantes, de narinas dilatadas; transpondo em ápices as ladeiras, quási se confundiam com o terreno nos declives, e o pó, levantado por essa cavalgada furiosa, era tanto que a encobria, por vezes, aos olhos dos acossadores.

Terminara na fuga a primeira derrota da amorosa que devia sentir ainda a ventura por abalar ao lado do valido.

Cachapavam as patas dos cavalos na brida larga, turbilhonavam os seixos, feria-se lume nas pedras e os vultos encarapaçados de ferro, luziam à soalheira, como espelhos em mãos sobrenaturais, num fantástico *sabat*. Alguns dos cavaleiros alijavam elmos e morriões, pretendendo escapar-se; só guardavam as armas para algum ataque, mas iam a desenvencilhar-se do que lhes pesava, turbando-os.

Era uma infernal corrida para um castelo distante, sôbre aquêles animais, espumando, de freios encharcados, flancos alvos do suor da canseira que já atingia também os prófugos.

Quando o primeiro dos desbaratados rolou no solo, enrodilhado na montada expirante, passaram-lhe por cima os ases de D. Afonso Henriques, cujo objectivo estava em pôrem mão na rainha e no conde de Trava.

Se houve quem tentasse deter-lhes a marcha, embaraçando-os nas pobres fileiras da inútil defeza, êles passaram, a golpes de montante, em rugidoras pragas, pois só pensavam nas boas prêsas que pretendiam escapar-se-lhes. Pelos caminhos ficaram alguns cadáveres, de bôcas abertas, como se tivessem im-

precado, na agonia, os teimosos que jámais se detinham. Quási se sumiam os corcéis, largados de rédea; iam em velocidades de pista, perseguindo-se; de quando em quando o conde de Trava voltava-se e esporeava com mais fôrça os ilhais do seu murzelo, animando a amante, com palavras que lhe saíam roucas da garganta sêca. Ela, valorosamente, obedecia-lhe, acicatando também a hacânea.

O seu destino estava traçado. Nunca se deixariam, a não ser quando a morte chegasse; e se umas vezes parecia rondar perto, nas pontas das lanças dos cavaleiros vencedores, outras afastava-se, porque os seus cavalos conseguiam salvar-se ainda dos golpes atirados com fúria e que sibilavam no espaço.

Já não eram tantos os adversos como ao comêço; ficavam-se distanciados, ou pela falta de resistêcia, ou porque as suas montadas se abatiam exaustas; porém, chegavam ainda para o intimidar e vencer, pois mal podiam já impelir com seus gritos, acicates e vergastadas a galopada infrêne, pouco a pouco diminuída.

Atravessavam assim campos e vilares e, se ninguém se atrevia a detê-los na carreira, como se os seus corcéis fôsem loucos, danados por algum filtro, também os outros redobravam de esfôrço e fatalmente acabariam por ganhar a braveza do arranco da fugida.

Assim succedeu.

A noticia chegou ao arraial de D. Afonso Henriques onde se levantavam folguêdos.

Os cativos conheceram a morte da última esperança que lhes restava, ao mesmo tempo que os seus vencedores souberam da enorme vitória obtida. O conde de Trava e D. Tareja estavam em poder dos cavaleiros que durante

DESVARIO DE RAINHA

tantas horas os tinham seguido na velocíssima e esgotante correria.

Aquêle a quem chamavam o rei noivava com a vitória ganha sôbre o inimigo que menos desejaria vencer.

Era necessário decidir acêrca do destino a dar aos capturados.

Reunidos no arraial, os do conselho deliberavam, longe do que pretendiam, por seu monarca; e se uns queriam carregar de ferros os que o destino lançara em suas mãos, outros pronunciavam-se pela morte do estrangeiro e de seus cavaleiros, deixando a D. Afonso Henriques a sorte de sua mãe.

A maioria, porém, inventava tormentos e esconjurava os derrotados. Os ricos homens de mais brios, os de ardorosas proesas no combate, deixavam aventar pelos outros as torturas, os castigos; e entre tanto discorrer acabara-se por ouvir as vozes ponderadas.

A rainha e o amante deviam sair de Portugal. Nem era digno dum filho enrolar em cadeias a mãe, embora muito culpada, nem podiam viver na terra invadida com o seu consentimento aquêles que à liberdade do condado preferiam o seu amor.

Não reinava a clemência nos corações bárbaros daquêles homens revestidos de ferro e deslumbrados orgulhosamente pelo triunfo, mas talvez entrasse em seus espíritos uma superstição intensa por começarem a vida nova, a do rei e do reino, com semelhante punição votada à mulher que dera à luz o escolhido para chefe.

Dêste modo consentiram na partida dos submetidos. Expulsavam-nos; era um perpetuo desterro de amor.

Livres do poder, dos encargos enormes da política e da governação, podiam amar-se no fundo de algum castelo da Galiza, até ao fim de suas existências, já agora para sempre unidas. O irmão do conde de Trava, D. Bermudo, cunhado de D. Afonso Henriques, recolhera-se ao seu domínio de Seia, na protecção dos Hermínios adustos, como um lobo recolhido em seu fôjo.

Era o grande obstáculo da pacificação.

Os outros achegavam-se, a jurar fidelidades; vinham quasi todos; só algum mais rebelde hesitava ou fugia para Castela, onde se alvoroçavam de novo os ânimos.

Lá, consentiam-se os proscritos do reino; doavam-se terras a alguns dêles; garantia-se a tranquillidade de D. Tareja e do amante e, olhando-se para as bandas de Portugal, entrevia-se, mais do que nunca, a desobediência.

D. Afonso VII sentia não ter ainda acabado a lucta. Andava em terrores, por banda de Aragão. Aumentado o seu exército com os barões vencidos nas hostes do conde de Trava, êle podia ainda exigir a vassalagem, embora tivesse de demorar a investida.

No seu exílio não ficara inactivo o chefe da lucta. O destronamento da amorosa pesava-lhe como um delito imenso e oferecera a sua espada para vingar o ultraje da desobediência, esboçada por parte dos vencedores, cheios dum enorme orgulho. Tratavam o infante de rei; tinham-no honrado no campo da batalha e embora não tivessem subido a sua audácia até à aclamação, era certo que aquêles brados lhes definiam bem os pensamentos.

Escorraçada do condado a soberana e partido o élo do mando do amante que se pro-

DESVARIO DE RAINHA

nunciava pelos estrangeiros, mostravam-se ambos contrários da independência que, de resto, D. Tareja outrora tanto animara.

Na realidade era assim. Os barões portugueses queriam viver separados da menagem e do tributo, ambicionavam ter o seu rei livre de vassalagens, senhor do território regado já pelo sangue do pai e servido por todos êles. Deliberavam fugir a compromissos e era tão geral êsse sentimento, palpitava tanto nas almas, que o moço chefe, desejoso também do título de rei, principiava por concordar com os seus capitães.

Não! Mil vezes não! Combateriam. Portugal pertencia-lhes. Coisa alguma os ligava ao rei de Castela e Leão! Coisa alguma os prendia!

E quando, numa algarada toda peninsular, numa tonteira de sol e de glória, assim falavam, havia uns olhos profundos, num entristecido rosto, que se turbavam meditativos.

Perturbara e transmudara os portugueses a derrota dos barões estrangeiros e sentiam em si a vaidade imensa; a confiança rara dos heróis e dos loucos para defrontarem quem os vencera havia pouco, num curto assédio.

Falavam larga e longamente; e os olhos profundos — os de Egas Moniz —, no entristecido rosto, mais meditação reflectiam.





OITAVO QUADRO

EXEMPLOS DE LEALDADE

AQUELA gente de guerra e de braveza esquecera a palavra de fiança que o aio de D. Afonso Henriques oferecera ao rei estrangeiro como penhor e caução.

Dera-se por garantia ao soberano de Castela, ao monarca leonês, e não podia deixar de cumprir seu preito porque, se grande virtude era o bem combater, a maior consistia em cumprir honradamente. Empunhar uma espada era muito; porém, quebrá-la, para não servir uma deslealdade, representava mais. Admiravam-se, à sua volta; sentiam uma singular vacuidade nos cérebros, ante seus dizeres.

Os bárbaros não entendiam o escrúpulo do cavaleiro que, decerto, era mais civilisado; do aio, do que fôra mestre do futuro rei.

Envergados nas suas armaduras, mostravam-se, na rigidez do ferro. Não compreendiam tanto rigor. A guerra era uma seqüência de ciladas. Desembaraçados dos inimigos porque alguém se dissera abonador dum acto, só

DESVARIO DE RAINHA

lhes competia batê-los, quando de novo se aproximassem.

Egas Moniz, porém, reflectia :

— A palavra dada! A palavra dada!

Era sòsinho na còrte e no campo, com tais idéas. O próprio chefe, ainda muito moço, bem desejava apoiá-lo, mas lia nos olhos dos seus cavaleiros toda a profunda cólera dos despeitados. Mesmo os de mais dedicação, como os da Maia, murmuravam no conselho e talvez os que pretendiam alçá-lo à realeza dessem a perceber a sua semi-obediência ao amigo.

O príncipe aceitava suas disposições; pela primeira vez não seguia os conselhos do mestre. Também já não era a criança que êle conduzira em seus braços válidos de grande guerreiro até ao altar da Senhora de Carquêre; tampouco o infante rúivo que entre risos montava os poldros saltões sob a vigilância do seu olhar guardando o adolescente que a todas as vistas e modos se curvava, temendo que o abandonassem ao poderio materno.

Terçara armas, batera-se, sagrara-se. Sentira espirrar o sangue do inimigo no seu arnês e ouvira os gritos agónicos dos vencidos.

Outrora fôra necessário o milagre para que suas pernas pudessem caminhar; presentemente a vitória surgira milagrosa, pois o moço D. Afonso Henriques libertava-se da mão doce do cavaleiro para iniciar sua realeza.

Em breve seria livre das peias dos outros luctadores.

O aio, em vez de se chorar, devia gloriar-se. O discípulo fugia-lhe, mas ia reinar.

Também não compreenderia o acto que andava flutuando em seu espirito?

Decerto o apreciava, mas devia ser o primeiro a repeli-lo por se votar ao adversário, embora chancelando a mais estóica lealdade.

— Nada os ligava ao rei castelhano! — diziam os barões.

— E a minha palavra? E a minha palavra? — perguntava o cavaleiro mais poderoso do condado que se pretendia libertar.

— Independência! Independência! — pensavam os combatentes moços e galhardos.

Os velhos secundavam-nos e só o companheiro mais querido do conde D. Henrique repetia:

— E a minha palavra?! E a minha palavra?!

Ninguém o escutava e êle, numa dôr sentida e profunda, querendo colocar acima de tudo a honra, partira para as suas terras, julgando-o todos de mal com o pupilo e com os seus pares.

Egas Moniz entristecera, mas encontrara em si a energia dum grande chefe para levar ao termo as suas deliberações. Jurara, por sua honra, ao rei de Leão e Castela que seria o garantidor da obediência do seu infante. Deus sabe se não amava a independência quem tanto ajudara a talhar um condado! O vencedor, o guerreiro célebre e audaz, preferiria vêr livre a sua terra; mas, numa hora de derrota, penhorara-se por causa dela e não poderia fugir ao tratado.

Deliberava dispôr de tudo quanto lhe pertencia na terra portuguesa. Era seu. Ao próprio conde de Trava não tinham sequestrado algum de seus bens. Certamente lhe deixariam os dêle e iria levá-los a quem con-

DESVARIO DE RAINHA

fiara em sua honra, não como um rico-homem com suas armas, mas igual a um cativo empobrecido que tudo perdera pelas faltas dos outros.

Casado com D. Terêsa Afonso, filha do conde das Astúrias, D. Afonso, tinha filhos dela e ia pedir-lhes um sacrifício.

Ao embalar-se o nascimento do reino, colocava a sua grande lealdade na cabeceira do berço que desejava nobre e puro, para não ser o duma pátria poluída nos seus primeiros vagidos.

Ele, o chefe da família, o general das mesnadas, ia pedir aos seus uma grandiosa abdição e era o primeiro a marcar a renúncia.

Vestido do mais grosseiro burel, despojado de riquezas, de jóias e de armas, montando cavalo sem gualdrapas, apenas para o conduzir até Leão, Egas Moniz, acompanhado pela espôsa, filhos e escudeiros de maior monta, largara a caminho da côrte do rei, ao qual jurara obediência em nome do seu amo.

Jamais se vira um tam nóbre cavaleiro humildar-se de tal maneira e obrigar os seus a tanta sujeição. Voluntariamente ali ia jorna-deando como um refêm que corresse a entregar-se. Atravessava os campos do condado e os pastores pasmavam, ao verem o grande senhor em misérias; detinham-se os guerreiros a saudarem-no sem que êle, sentindo-se da igualha dum mendigo, tivesse para os seus cumprimentos mais do que modéstia cortez; os sacerdotes abençoavam-no e o aio do vencedor volvia os olhos marejados para a família, tam empobrecida como êle. Passaram por vilares e cidades, behetrias e coutos e, se não esmolavam, agradeciam os socorros, sem os

tomarem, presos de alma, cativos de seu chefe, que por vontade se confessara prisioneiro. Assim chegaram a Leão e se anunciaram. O cavaleiro lançara ao pescôço uma corda de canave, em sinal de tributo de sua vida. Bastava que o rei, ao qual era obrigado por sua palavra, quisesse puxar o baraço para se sumir no sepulcro o vencedor de Eicha Martins, poderoso rei moiro, o companheiro do conde D. Henrique, o aio do infante, o lealissimo guerreiro que cumpria a sua obrigação, indo entregar-se ao crêdor dos barões portuguezes por cuja fé ficara.

D. Afonso VII recebeu do alto do estrado de seu trôno tam límpido exemplo de lealdade e quando o viu em menção de ajoelhar, desceu, tomou-o nos braços, enternecido; apertou-o contra o peito, mandou-o em paz, liberto de sua palavra, mostrando-o desvanecido aos seus vassalos.

Desejou-o sagrado de armas nobres, em galas com os seus para a entrada em Portugal e em tanto preito o envolveu que bem se demonstrou valer mais a honra do que as riquezas, ser mais nobre pagar as dívidas de leal fiança do que gosar o juro da protêrvia.

A nacionalidade portuguesa, ao nascer, enchia-se da retumbância de tam grande e leal penhor.

Quando Egas Moniz se volveu à côrte, contente com a própria consciência, de bem comsigo, podendo já dormir sem pesadêlos, à sombra das pedras de sua moradia, fermentava a revolta do conde Bermudo no seu fojo de Seia e o conde de Trava ía aafiando a espada para se vingar do filho da sua tam amada Tareja.

Tinham decorrido dois anos após o seu destêrro. Vivía encantada nos braços do amante, que a adorava, mas que mal podia ter ventura sem aquela ânsia de bem satisfazer seu ódio.

Olhando-a, nos ímpetos da paixão, não faulhava nas scentelhas de suas pupilas a entrega cabal de sua alma. Outro pensamento o dominava.

A mulher enérgica e valorosa deperecia no exílio.

Remorsos, talvez os não sentisse; porém, nem tudo seriam alegrias no seu coração.

Ía morrendo, aos poucos, a-pesar dos afaços do amante que a bem-queria e lho demonstrava tanto que, ao vê-la nos transes finais, parecia renunciar aos seus desejos vingativos.

D. Tareja agonizou e êle, no auge do desespêro, logo que a lousa desceu sôbre o corpo tam estremecido, entrou em preces sentidas, ao céu. Quiz fazer uma doação de suas terras à Sé de Coimbra para, que a amante pudesse entrar na bem-aventurança, tratando-a todos de sua espôsa, porque os diziam casados secretamente. Fernão Peres de Trava, receoso de que D. Afonso Henriques turbasse o seu desejo de votar a paz à alma da morta, escreveu estas palavras em que soam dois rugidos: o da paixão e o da desconfiança:

«Se alguém houver ahí que intente anular, o que não creio, a doação que ora faço, pague em dobro a ousadia à autoridade real e se fôr algum individuo tão poderoso e cruel que possa conservar-se pertinaz, seja o seu destino na morte o de Dalthan e Abiron.»

DESVARIO DE RAINHA

E dêste modo, votando ao fim de quem o contrariasse o ser tragado pela terra, violentamente aberta sob seus passos, como os dois rebeldes contra o venerando Moisés, o conde tratou de ir correger o seu montante. Emquanto não se juntava à que tanto amara, dessedentar-se hia no ódio.

O infante, alçado à realeza, separava o cadáver da mãe do preito do apaixonado. Trasladára-a para o túmulo da Sé de Braga onde, com seus trajos de gala, coroada e de mãos postas, ela jaz perto do marido, parecendo arrependida, ao senti-lo sob outras pedras envergado na cota e no arnês, escudos do coração que tanto pulsara na infância de Portugal.



